

**GEOGRAFIA DAS ENCHENTES NA CRÔNICA DE LIMA BARRETO:
O OLHAR PARA O SUBÚRBIO CARIOCA**

**FLOODINGS AND GEOGRAPHY IN LIMA BARRETO'S CHRONICLE:
VISIONING THE SUBURBS OF RIO DE JANEIRO**

Rafael Alves de Freitas ¹

André Luiz da Silva Filho ²

Marina Aires ³

José Silvan Borborema Araújo ⁴

¹ Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduação em Sistemas de Informação (Bacharelado) pela Fundação Educacional Unificada Campograndense – FEUC. E-mail: uerj.raf@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8930068948483741> ORCID - <http://orcid.org/0000-0002-9050-5939>

² Mestrando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: andrefilhogeo@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9470756277939311> ORCID - <http://orcid.org/0000-0003-1130-2699>

³ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF, Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Graduada em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: marinageouff@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7576664260245211> ORCID - <http://orcid.org/0000-0001-7608-3090>

⁴ Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: silvan.borboremaa@gmail.com - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5808991490709537> ORCID - <http://orcid.org/0000-0002-4147-2616>

GEOGRAFIA DAS ENCHENTES NA CRÔNICA DE LIMA BARRETO: O OLHAR PARA O SUBÚRBIO CARIOCA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão crítica acerca das consequências das chuvas cariocas, denunciadas ainda no início do século XX por meio da crônica “As Enchentes”, de Lima Barreto. Assim, tomamos como pontapé inicial a crônica de Barreto, evidenciando a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia, por entendermos a função dessa obra para as questões sociais e a crítica para os caminhos que a cidade do Rio de Janeiro estava trilhando. A partir de uma contextualização histórica, e sem a pretensão de esgotarmos o assunto, destacamos alguns eventos de precipitação extrema que afetaram a cidade ao longo do século XX aos dias atuais e suas consequências urbanas e sociais, muitas vezes irreversíveis com perdas humanas. Portanto, dialogando com Barreto, apresentamos um trabalho de caráter qualitativo e interpretativo, em busca de respostas para uma cidade que convive com paisagens de eventos extremos históricos, dentro de uma “perspectiva de normalidade”, o que combatemos aqui com um olhar geográfico. E para tanto, utilizamos referências bibliográficas de jornais e figuras da época, e por meio das ferramentas – Google Earth Pro e ArcGIS 10.5, foi possível realizarmos a espacialização dos eventos de precipitação a fim de corroborar com a análise crítica e para a elucidação dos fatos que aqui propomos.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Lima Barreto; Desastres Naturais; Rio de Janeiro; Subúrbio.

FLOODINGS AND GEOGRAPHY IN LIMA BARRETO’S CHRONICLE: VISIONING THE SUBURBS OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

The present work aims to present a critical reflection on the consequences of Rio de Janeiro's rains, which were exposed in the early twentieth century by the chronicle "Floodings" [As Enchentes], written by Lima Barreto. Thus, we take Barreto's chronicle

as a starting point, highlighting the interdisciplinarity between Literature and Geography, as we understand the role of this work for social issues and the criticism for the paths that the city of Rio de Janeiro was following at that time. From a historical context, and not intending to exhaust the subject, we highlight some events of extreme precipitation that affected the city throughout the 20th century up to the present day and its urban and social consequences, often irreversible due to many human losses. Therefore, in this dialogue with Barreto, we introduce a qualitative and interpretative work, searching answers for a city that lives in a scenario of extreme historical events, within a “perspective of normality”, about which we will struggle against with a geographical vision. So, we used bibliographical references from newspapers, images of that time, and through the tools - Google Earth Pro and ArcGIS 10.5, it was possible to carry out the spatialization of precipitation events in order to corroborate with the critical analysis and to elucidate the facts that we propose here.

Keywords: Interdisciplinarity; Lima Barreto; Natural Disasters; Rio de Janeiro; Suburbs.

INTRODUÇÃO

“Sou homem da cidade, nasci, criei-me e eduquei-me no Rio de Janeiro; e, nele, em que se encontra gente de todo o Brasil, vale a pena fazer um trabalho destes, em que se mostre que a nossa cidade não é só a capital política do país, mas também a espiritual, onde se vêm resumir todas as mágoas, todos os sonhos, todas as dores dos brasileiros [...]”
(LIMA BARRETO, “Mágoas e sonhos do povo”)

É importante desde já deixar claro que os desastres de origens naturais são causados por fenômenos e desequilíbrios da natureza que atuam independentemente da ação humana e, são assim denominados quando atingem áreas ou regiões habitadas pelo homem, causando-lhe danos (AMARAL et al., 2009).

Os registros de perdas econômicas, impactos sociais, de infraestrutura e ecológicos decorrentes de enchentes e outras catástrofes climáticas em áreas urbanas ao longo das últimas décadas mostram uma tendência de aumento dos prejuízos associados a eles. A calamidade pública ocorre devido às profundas alterações resultantes da urbanização, uma vez que ocorre a remoção de vegetação nativa, aumento de

impermeabilização do terreno e ocupação de áreas ribeirinhas. Além disso, a ocupação histórica de áreas de risco, oferece um ambiente propenso a tragédias, sem que haja fiscalização para tais construções, causando assim um crescimento desordenado de áreas e cidades, como verificado no Rio de Janeiro (ROSMAN et. al., 2012).

Em 1938, o então Secretário de Obras do Rio de Janeiro, Edison Passos, publicou um artigo no Jornal O Globo que relatava: “Os rios do Maciço da Tijuca precisam ser canalizados. Quem joga lixo nos rios e canais deve ser multado. É necessário fazer um reflorestamento imediato de todas as encostas e as favelas têm que ser removidas dos morros” (AZEVEDO, 2017).

A fala do secretário demonstra que a resolução dos problemas para a cidade poder lidar com os desastres já eram conhecidas desde muito tempo, mas o que de fato foi feito para reverter esse quadro? No contexto literário por meio da crônica “As Enchentes” (*vide anexo*), Lima Barreto já realizava críticas a respeito da gestão urbana da cidade no início do século XX frente aos eventos extremos de precipitação (chuva). Ressaltando que para a época o objetivo do poder público era projetar um embelezamento urbanístico, sobretudo na área central da cidade, em detrimento da infraestrutura básica de saneamento para a população carioca, principalmente para os mais segregados.

Dessa forma, o presente artigo possui como objetivo evidenciar a interdisciplinaridade entre a Literatura e a Geografia, demonstrando a importância do contexto literário para a compreensão crítica acerca da construção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro frente aos desastres naturais – as enchentes.

INTERDISCIPLINARIDADE: A OBRA “AS ENCHENTES” DE LIMA BARRETO E SUA FUNÇÃO SOCIAL NA GEOGRAFIA

As grandes cidades desde que começaram a se destacar no mundo enquanto refúgios da sociedade moderna, foram observadas e descritas, muitas vezes de forma crítica, pelos mais importantes nomes da literatura brasileira, entre eles, Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto. Dessa forma, alguns temas caros à sociedade ganharam visibilidade através desse autor, que sensível às mudanças que ocorriam na sociedade, procurou retratar em suas obras as peculiaridades

que a cidade impunha aos seus habitantes, especificamente a capital, hoje cidade do Rio de Janeiro, do início do século XX (MACHADO, 2002).

A leitura de obras de Barreto, especialmente – “As Enchentes”, crônica escrita por ele no Correio da Noite, no Rio de Janeiro, em 19 de janeiro de 1915, serviu como canal de denúncia por nos fazer pensar em um modelo de Brasil pautado, naquele momento, não apenas pelos seus aspectos rurais, mas percebendo o crescimento urbano das cidades e os vários conflitos existentes nelas. Para Machado (2002), Barreto compromete-se com o que viria a se constituir no retrato da modernização brasileira, e suas obras refletiam esse momento em que o Brasil, e a capital, se integravam de modo muito particular ao que se convencionou chamar de modernidade. Contudo, essa tal pretensa modernidade não foi capaz de solucionar um dos problemas mais remotos e ao mesmo tempo tão presentes nas grandes cidades, como a do Rio de Janeiro, que são as enchentes.

Portanto, Barreto por meio de sua brilhante arte de escrever, inspirado em ideias literárias pré-modernistas, assim como suas obras eram classificadas, crítica por meio dessa crônica os engenheiros, que eram um dos intelectuais da Primeira República, aqueles que mais encontravam enredados em pensar o Rio de Janeiro, evidenciando assim, a total falta de planejamento para uma cidade que recebia em determinados períodos do ano uma grande quantidade de chuva, mas que não era capaz de solucionar o problema das enchentes (CARVALHO, 2005). Logo, Barreto critica a incapacidade da engenharia de solucionar os problemas relacionados às chuvas no Rio:

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema. O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. [...] Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações (BARRETO, 2004, p. 98).

Além de Lima Barreto, Antônio Cândido se destacou também como uma figura emblemática, e foi um dos pioneiros no estudo da literatura pelo viés da cidade. Cândido (2004) dedicou-se a estudar as relações existentes entre a obra literária e a cidade, tendo publicado dentre outros, um artigo intitulado - A dialética da malandragem, onde ele relacionava a cidade do Rio de Janeiro a uma identidade urbana, que nascia em meio ao progresso. Com isso, vemos o quanto às obras literárias eram

influenciadas pelo surgimento e crescimento das grandes cidades, sendo inclusive o enredo de muitas delas.

Dentro dessa lógica, propomos neste artigo o diálogo entre Geografia e Literatura, por meio da referida crônica de Barreto, no sentido de evidenciarmos o problema das enchentes, que nem a reforma de Pereira Passos¹ foi capaz de solucionar e que se mantém até os dias de hoje. Barreto (2004, p. 98) nos diz que: “O Prefeito Passos que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio”.

Por tudo isso, ressaltamos a interdisciplinaridade como um conceito que nos ajuda a pensar a integração de duas ou mais áreas dos saberes para investigações mais analíticas, porém é preciso que esse conceito nos remeta em última análise, a caminhos novos do conhecimento, que em uma única área/disciplina separadamente não seria possível conhecermos. Segundo Farias (2014, p. 59):

[...] a interdisciplinaridade, em quaisquer das suas perspectivas, procura reestabelecer o diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, entender melhor a relação entre o todo e as partes, restituir a integração entre as particularidades e a totalidade, entre a unidade e a diversidade, que se perderam sob a imposição dos princípios científicos cartesianos e positivistas.

Assim, verifica-se que a crônica em questão, descreve uma conjuntura que permite a identificação de paisagens em um contexto pretérito, mas que perpassa recortes temporais, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo, assim, para a promoção de releituras de paisagens atuais. Para Pontuschka (2009, p. 230): “A interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser mais bem exploradas no meio científico [...]”.

¹ - Francisco Franco Pereira Passos foi prefeito do Distrito Federal, hoje cidade do RJ, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves, exercendo seu mandato entre os anos de 1902 a 1906. Responsável por colocar em prática reformas urbanísticas e paisagísticas na cidade do Rio de Janeiro, dentre elas a política do Bota-abixo, e uma campanha maciça de vacinação, com a conseqüente Revolta da Vacina. Tais reformas inspiradas na arquitetura francesa tinham como um dos objetivos ampliar as avenidas do centro do RJ, melhorando o fluxo de automóveis, além de inserir a cidade na nova lógica capitalista do mundo moderno. Contudo, para realizar tais medidas, Passos mandou demolir vários cortiços, gerando uma dispersão populacional, não resolvendo o problema habitacional, que inclusive ganhou mais força pelo crescimento das favelas. Em outras palavras, tais reformas priorizou a estética do centro da cidade, não se preocupando com um possível crescimento desordenado da mesma (BENCHIMOL, 1990).

Essa interdisciplinaridade nos ajuda a jogar luz sobre problemas denunciados pela literatura, mostrando-se assim boa aliada da Geografia, no tocante ao uso do espaço, e a maneira pela qual o homem utiliza esse espaço, modificando-o e sendo por ele modificado.

Em linhas gerais, as obras literárias possibilitam um amplo conhecimento geográfico, por considerarmos que ao mesmo tempo em que “alimentamos a alma” com a leitura desses clássicos da literatura, discorremos sobre o passado histórico-geográfico da conjuntura das obras para o entendimento do presente, enquanto espaço e tempo dentro da perspectiva da realidade atual, possibilitando ainda a reflexão por meio da crítica, da denúncia literária para fatos reais da sociedade, e muitas vezes atemporais, como é o caso das enchentes.

Segundo Barcellos (2009), as obras literárias se apresentam como um rico material a ser estudado pela Geografia, pois elas evocam a essência dos lugares, das paisagens e o cotidiano dos personagens. Podemos dizer que a leitura de um modo geral é um recurso de fundamental pertinência para a compreensão do espaço. Por meio dela, o homem pode descobrir o mundo e a si mesmo num processo de descobertas/redescobertas de horizontes frente aos fatos e discursos experienciados no cotidiano. A literatura além de entreter, também exerce função social, e é essa função que serve de subsídio para a Geografia, enquanto ciência e disciplina.

Portanto, chamamos a atenção para a referida crônica, pois é uma obra que retrata um momento de organização e produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro e traz aspectos analíticos importantes para a compreensão espacial da época e que refletiriam no formato e hábitos dos cidadãos cariocas em épocas posteriores.

A interdisciplinaridade - entre Geografia e Literatura - de que falamos, quando analisada nesse contexto da obra de Lima Barreto e sob a ótica do conceito de Paisagem, possibilita jogarmos luz sobre aspectos e problemáticas que perduram até hoje, como a problemática das enchentes cariocas denunciadas pela crônica ainda no início do século XX.

Nessa direção, ao trazermos a obra de Barreto como objeto de estudo da Geografia, oportunizamos um conhecimento diferenciado, com base nos aspectos do espaço geográfico retratado pela crônica. Com isso, descortinamos a ideia romântica de paisagem, como sendo algo unicamente relacionado ao belo, o que não é verdade, afinal, podemos interpretar as enchentes cariocas como paisagens catastróficas que se

repetem anualmente, cujas ações dos governantes se mostram pouco ou nada eficazes a fim de resolver um problema histórico e conhecido por todos.

Podemos dizer que as enchentes nunca foram tão democráticas quanto hoje, afetando direta ou indiretamente todas as áreas da cidade do Rio. O curioso é pensarmos que mais de um século depois, ainda estejamos em busca de respostas de velhos e antigos problemas, e que a obra de Barreto poderia perfeitamente ser datada nos dias atuais.

Diante do exposto, o exercício da reflexão sobre a prática interdisciplinar, pode nos direcionar a um trabalho possível para a construção de uma Geografia Crítica², onde por meio da literatura, e da obra de Lima Barreto, possamos compreender as variadas dinâmicas e implicações espaciais, com foco na questão da chuva e conseqüentemente das enchentes e seus impactos na sociedade.

Importante reiterarmos que a crítica de Barreto funciona para que percebamos que muitos problemas que já deveriam ter sido superados, ainda persistem no espaço carioca, e como nos aponta Santos: “Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados” (SANTOS, 2002, p. 315). Será que esses novos significados são tão novos assim?

O CONCEITO DE PAISAGEM PELO VIÉS DAS ENCHENTES

O conceito de Paisagem é um dos conceitos-chave utilizados pela Geografia, com o objetivo de estudar e conhecer a superfície terrestre. No senso comum, esse termo tem sido usado como sinônimo de lugares exóticos, com apelo turístico, como as praias, montanhas, cachoeiras, parques, lugares dotados de áreas verdes e etc. Contudo, precisamos esclarecer que embora esse senso comum não esteja completamente equivocado, é preciso ampliar o significado de Paisagem no campo geográfico, que segundo Milton Santos (2002, p. 103) é “um conjunto de formas que num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima”.

² - Geografia Crítica, denominada também de Marxista ou Radical, tem sua base filosófica no materialismo histórico e dialético, desenvolvido por Karl Marx entre 1840 e 1880. A essência deste paradigma está no rompimento com o Positivismo e no entendimento do espaço geográfico como produto social (MORAES, 1987).

Dessa forma, Paisagem através da Geografia Crítica ganha um caráter mais realista em detrimento ao romantismo supostamente relacionado a esse conceito.

Em nossa ciência, considera-se Paisagem a imagem capturada pelo olhar. É como se pudéssemos congelar uma imagem em um instante, transformando-a em uma foto ou pintura. Santos (1996, p. 61-62) ainda nos fala que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”.

Sendo assim, é importante considerar que é na interpretação das diferentes paisagens e suas dinâmicas, que se observam os fenômenos naturais e sociais que ocorrem no espaço geográfico, sendo a visão o sentido mais usado para essa percepção. Logo, a relação entre sociedade e natureza fica evidenciada por meio dessa interpretação que se faz da paisagem observada.

Grosso modo, a paisagem reflete as diversas ações do homem no espaço, sendo a paisagem considerada a testemunha dessa interação entre homem e natureza, que tem se mostrado nos últimos tempos uma relação de degradação, de irresponsabilidade, causando desequilíbrios ambientais, com perdas materiais e humanas. Para isso, basta vermos, principalmente as chuvas de verão que acometem todos os anos diversas partes do Brasil, como aqui na cidade do Rio de Janeiro, onde a situação tem se mostrado alarmante em diversos momentos.

Portanto, a fim de enriquecer essa discussão acerca de Paisagem, trazemos a contribuição de dois importantes autores contemporâneos, o francês Augustin Berque e o norte-americano Carl Sauer. O primeiro adota uma abordagem particularista e prima pela discussão intertextual em que afirma que “as paisagens podem ser vistas como marca e matriz a partir do momento em que suas características passam a ser analisadas mediante uma visão da sociedade e sua percepção da natureza” (BERQUE, 1998, p. 12).

O segundo autor avança um pouco mais no sentido de afirmar que “a paisagem-matriz vai sendo moldada e resulta na paisagem cultural” (SAUER, 2000, p. 11). Essa paisagem é a relação intrínseca entre homem e natureza de que já dissemos, e resulta na cultura e num movimento contínuo das dinâmicas do espaço geográfico.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer então que a figura 1, de uma rua alagada, depois de uma chuva, capturada pela lente de uma câmera, se enquadra como

Paisagem. Nesta figura, temos a síntese de todos os elementos presentes no local, ou seja, elementos construídos pelo homem. Vejamos:



Figura 1: Rua do Lavradio, Lapa – Centro do RJ (29/01/1940)

Malta, Uriel, 1910-1994 – Coleção Augusto Malta para a Biblioteca Geral do RJ

Fonte: <http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>

Assim, essa figura que também pode ser chamada de Paisagem Geográfica, corrobora para exemplificar as enchentes que ocorreram ao longo do século XX, e que persistem nos dias atuais. Nela, percebemos uma situação em que veículos e pessoas caminham em meio à rua alagada, denunciando a ausência ou ineficácia dos sistemas de escoamento de água pluvial, numa área da cidade que historicamente exerceu um protagonismo habitacional por meio dos cortiços, sendo hoje ponto turístico e um dos destinos para a boemia carioca. Todavia, não vamos aqui buscar respostas fáceis para o problema, até porque para além daquilo que se vê pela figura/paisagem, temos aquilo que não vemos e que igualmente tem sua participação para o quadro que em tela analisamos.

Sobre isso, Barreto (2004, p.98), denuncia que:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

A figura 2 mostra outra parte do Rio de Janeiro submersa também pelo advento das chuvas de verão. E recorrendo mais uma vez ao autor (2004, p. 98) “Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social”. Esse trecho da obra de Barreto evidencia as reais intenções das reformas urbanas, que sempre estiveram voltadas ao embelezamento, ao padrão europeu que a capital gostaria de atingir, mas que negligenciou o ritmo de crescimento populacional e a maneira como o espaço estava sendo ocupado.



Figura 2: Praça da Bandeira, Tijuca – Zona Norte do RJ (29/01/1940)

Malta, Uriel, 1910-1994 – Coleção Augusto Malta para a Biblioteca Geral do RJ

Fonte: <http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/>

Destarte, buscamos nesse primeiro momento reforçar a importância da interdisciplinaridade, tendo na obra de Lima Barreto um subsídio para o pontapé inicial para a discussão das enchentes e suas consequências sociais, econômicas, urbanas e etc. Por sua vez, as paisagens das enchentes são testemunhas do passado e do presente, e daquilo que não gostaríamos que se repetisse no futuro, embora saibamos do grande desafio de se pensar em uma cidade, como a do Rio de Janeiro, que de fato cumpra com seu Plano Diretor e que seja justa e pensada democraticamente para todos, inclusive para o subúrbio carioca (HARVEY, 2012).

SUBÚRBIO CARIOCA: UM BREVE RELATO

Falar do subúrbio carioca é remontar ao período da reforma urbanística e paisagística promovida por Pereira Passos no início do século XX. Esse episódio da história urbana da cidade do Rio de Janeiro serviu para criar um processo de distinção entre os bairros considerados "modernos"/"civilizados" daqueles considerados "atrasados"/"populares". Com isso, embasados no artigo "Fisionomia e Estrutura do Rio de Janeiro" (1965), de Maria Therezinha Segadas Soares, recordamos que o termo subúrbio designava ainda na Idade Média os lugares afastados da área central, que não eram densamente habitados. Porém, o Rio de Janeiro criou um conceito próprio e polissêmico: o conceito carioca de subúrbio e os suburbanos, como destaca a própria autora (1965).

Essa polissemia advém da cidade carioca apresentar fronteiras simbólicas e geográficas muito expressivas, pois observamos um processo de distinção social pelo local de moradia, alimentando dessa forma segregações históricas de representações, podendo ser pautadas então pelas dualidades - zonas norte e sul, subúrbio e zona sul, periferia e centro, além de favela e "asfalto", sendo esse último termo usado mais atualmente (CARNEIRO, 2009).

Nesse contexto, em forma de resistência, dando visibilidade aos subúrbios, Lima Barreto escreve Clara dos Anjos em 1920, contrariando a elite que gostaria de esquecer essa parte da cidade, local de pessoas pobres, proletárias e majoritariamente negras (MACHADO, 2002). Barreto embora pré-modernista, foi influenciado pela obra de Émile Zola³, denunciando a realidade de moradores de subúrbios cariocas, o que perpassa também pelo problema das enchentes, afinal, o termo subúrbio era e é na concepção de muitos, um termo depreciativo, para designar partes da cidade com poder aquisitivo mais baixo e com estilos de vida muito peculiares. Logo, para Soares e Bernardes (1990), o conceito de subúrbio carioca pode ser compreendido como:

³ - Émile Zola é o principal representante do Naturalismo literário francês, tendo ganhado notoriedade por publicar em 1885 a obra – GERMINAL, que viria ser o expoente máximo dessa escola literária, influenciando a partir de então a forma de se fazer literatura na França e com consequência artístico-literária para outros países, como o Brasil. Podemos dizer então que Aluísio Azevedo, Castro Alves e Lima Barreto foram um dos influenciados por essa obra (COUTINHO, 1997).

[...] se já era usado antes da existência do transporte ferroviário para pequenas distâncias, isto é, do transporte suburbano, para denominar certas áreas da periferia urbana, só se consagrou e se fixou na linguagem popular quando foi utilizada para denominar área de expansão da cidade, servida por trens com várias viagens diárias, que traziam as pessoas para trabalhar na cidade. A ideia de utilização do transporte ferroviário diário ficou indissolúvelmente ligada à palavra subúrbio. Hoje, apesar da insuficiência desse meio de transporte e da utilização, em ritmo cada vez maior, no transporte rodoviário, no conceito popular carioca, onde não há trem, não é subúrbio (como é o caso de Jacarepaguá). Entretanto, áreas servidas pelo trem, mas onde a paisagem está totalmente urbanizada, como no Méier, em Cascadura ou Madureira, reluta-se sem abandonar a designação subúrbio (SOARES, 1990, p. 141).

Dessa maneira, podemos sintetizar que o conceito de subúrbio para além de designar áreas afastadas do centro do Rio de Janeiro, principalmente os bairros da zona oeste, também sofre uma deturpação ideológica, o que confere a esses mesmos bairros um ar de menosprezo, o que talvez não aconteça com certos bairros da zona norte, inseridos no circuito cultural e das noites cariocas, mas igualmente subúrbios, como Maracanã, Tijuca, Vila Isabel, Grajaú etc, principalmente quando comparados com os bairros da zona sul (FERNANDES, 2011).

Até aqui discutiu-se a interdisciplinaridade entre a Geografia com a Literatura, levando em consideração o conceito de Paisagem, a fim de facilitar a compreensão visual do problema retratado – as enchentes. E por meio da crônica de Lima Barreto do século XX algumas questões críticas foram pontuadas, sendo uma delas a persistência de enchentes na cidade do Rio de Janeiro até os dias de hoje, com maior peso para o subúrbio. Com isso, para comprovar tal persistência utilizamos de uma metodologia que será explicada a partir de agora.

METODOLOGIA PARA A ESPACIALIZAÇÃO DOS EVENTOS

A metodologia adotada para esse trabalho utilizou de uma extensa bibliografia para a execução da espacialização dos eventos extremos. Para a espacialização dos locais afetados no ano de 1915 – (ano em que a crônica de Barreto foi escrita), utilizaram-se registros históricos de jornais como o Correio da Noite e Correio da Manhã, ambos possuem dados bastante aprofundados sobre locais atingidos com nome de ruas e bairros, contando em alguns casos com número de moradores e nome dos mesmos.

Para a correta espacialização dos locais em 1915, primeiramente utilizou-se o Software Google Earth Pro para confirmação da existência dos endereços após 105 anos. Dos 75 endereços informados apenas 8 não foram possíveis de serem encontrados, restando um total de 67 pontos da cidade afetados. As coordenadas geográficas dos respectivos pontos foram importadas em uma planilha, sendo os pontos também classificados por tipo evento: inundação, deslizamento e desabamento de residência.

O Sistema de Informação Geográfica (SIG), ArcGIS versão 10.5, foi utilizado para importação dos dados da planilha para a criação dos pontos em Shapefile. Foram utilizadas cores diferenciadas para os tipos de eventos para a compreensão do leitor. Os limites entre bairros, limites municipais e dados de uso e cobertura do solo do Rio de Janeiro são provenientes das bases cartográficas do Data Rio (2018) e IBGE (2018).

ESPAIALIZAÇÃO DE EVENTOS EXTREMOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: ÁREA DE ESTUDO

Como se pode verificar, a figura 3 representa a delimitação ou recorte do subúrbio carioca, espaço de análise deste trabalho, conforme metodologia descrita.

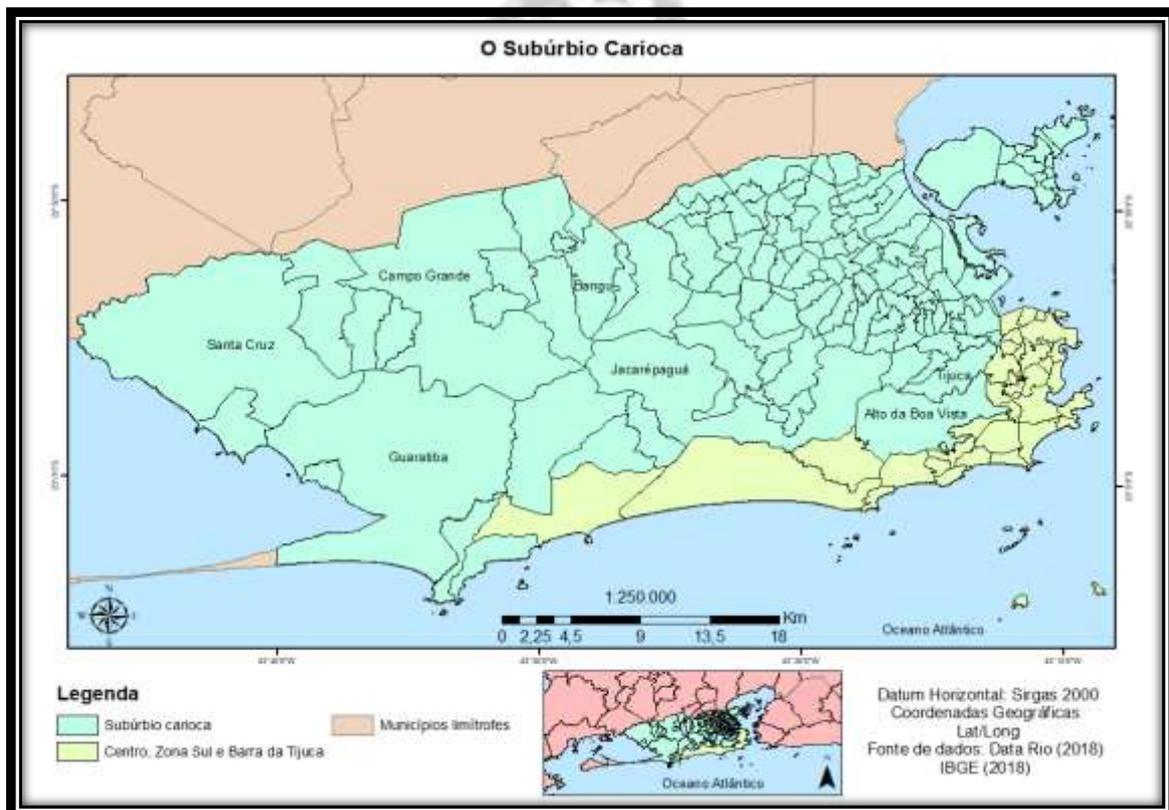


Figura 3: O Subúrbio Carioca

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A representação de locais afetados pela precipitação em 1915 (figura 4) evidenciou que a problemática das enchentes estava em expansão pelo subúrbio carioca em bairros como Maracanã, Tijuca, Vila Isabel, Grajaú, São Cristovão e outros, apresentando em diversos pontos o desabamento de residências, deslizamentos e os próprios alagamentos.

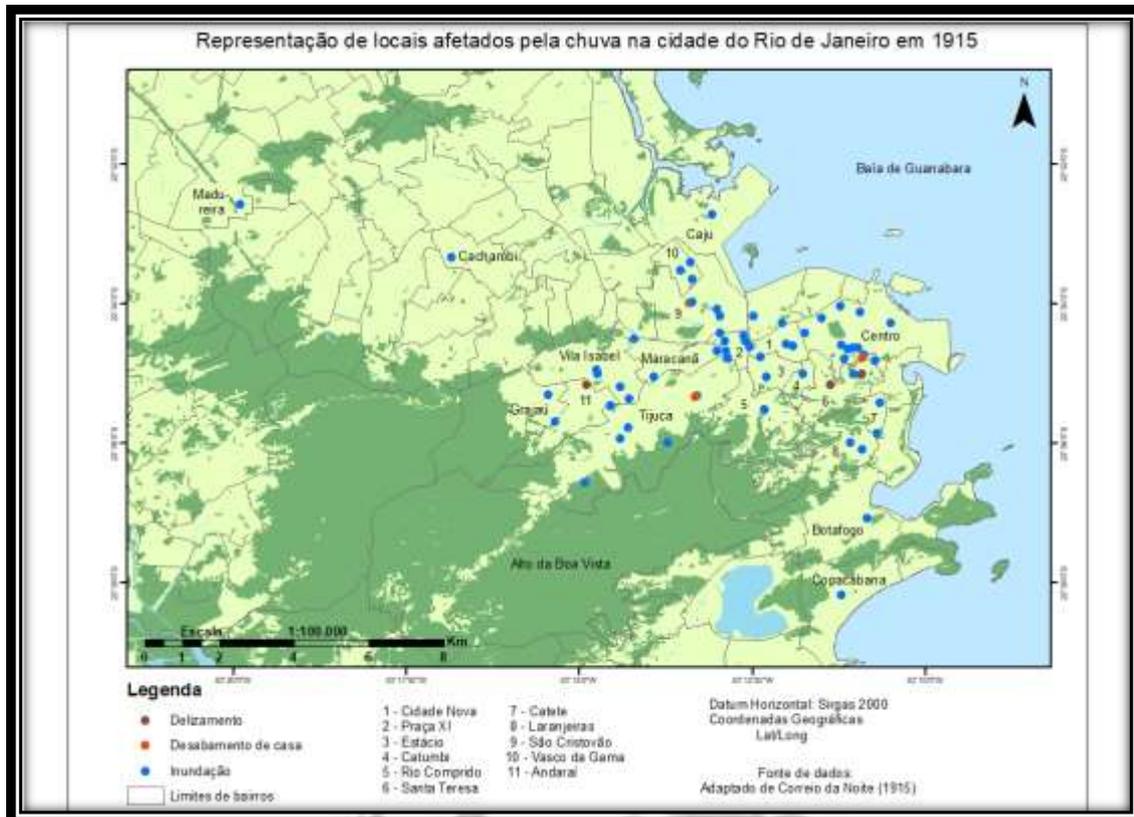


Figura 4: Espacialização de locais afetados pela precipitação extrema em 1915.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A figura 5 comprova que a expansão da cidade levou consigo os mesmos problemas de infraestrutura urbana, acarretando em uma infinidade de locais afetados. Percebe-se que vários pontos foram atingidos repetidas vezes entre os 6 eventos extremos de precipitação ocorridos entre 1988 e 2020. As localidades que sofreram danos com as chuvas de 1915 também estão entre as principais afetadas durante o período citado.

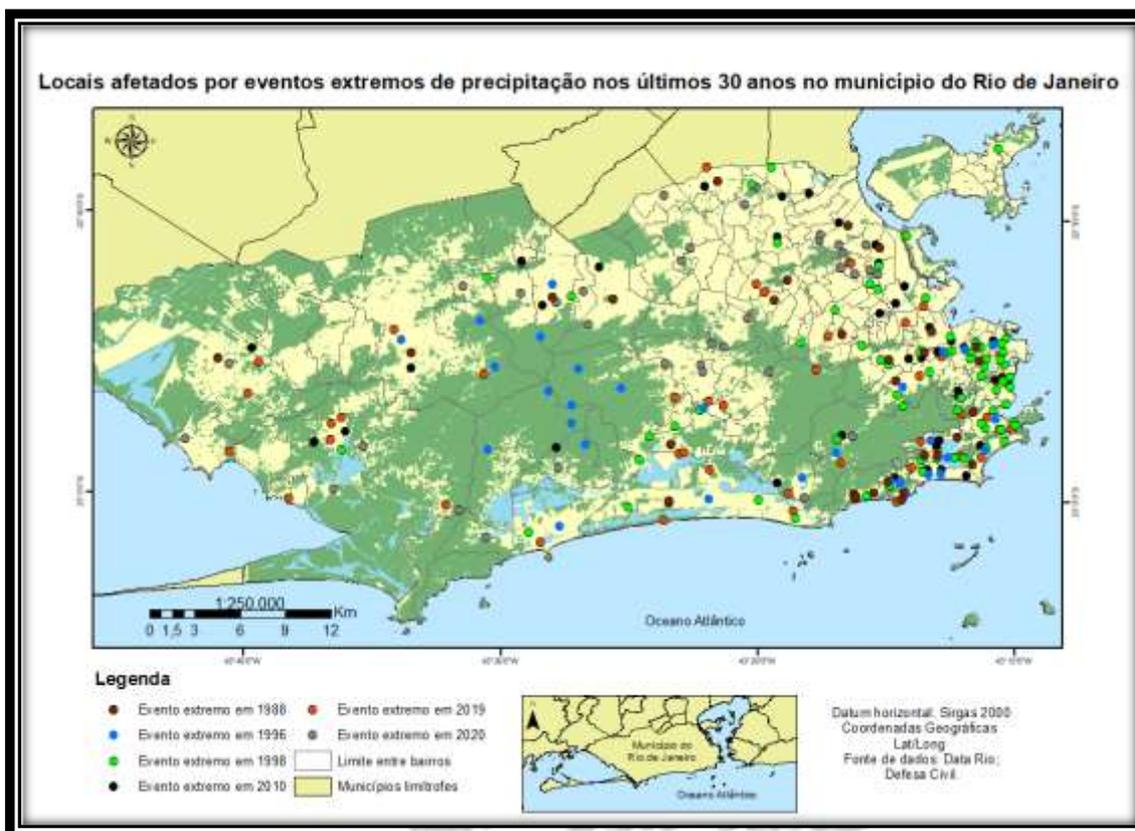


Figura 5: Representação de locais atingidos pelos eventos extremos de precipitação entre 1988 e 2020.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Dessa forma, para a espacialização de locais afetados por eventos extremos nos últimos 30 anos utilizou-se de métodos conforme descritos anteriormente. Para esses eventos tornou-se possível maior reunião de fontes de dados como Defesa Civil, Prefeitura da cidade do RJ e notícias veiculadas pela mídia. Os dados obtidos possibilitaram uma rica interpretação acerca dos pontos que repetidamente passam por problemas diversos quando atingidos por fortes precipitações. Esse padrão possibilitou elencar quais bairros foram afetados em pelo menos metade dos seis eventos registrados neste trabalho, sendo eles nos anos de 1988, 1996, 1998, 2010, 2019 e 2020 (Figura 6).



Figura 6: Bairros atingidos em pelo menos três eventos extremos nos últimos 30 anos. Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Constatou-se que cerca de 23 bairros foram atingidos ao menos em 3 eventos extremos. A Barra da Tijuca e o Centro apresentaram problemas em todos os 6 eventos. Com 5 eventos seguem Bangu, Jacarepaguá, Lagoa Rodrigo de Freitas e Tijuca.

Os dados demonstram que as repetições de locais afetados marcam uma sucessão de negligências ou erros de governos municipais em atuar na prevenção e no correto planejamento da cidade frente aos desastres.

O alto número de bairros atingidos sucessivamente por eventos extremos não é por acaso. O Plano Municipal de saneamento básico da cidade do Rio de Janeiro, elaborado pela Rio Águas em 2015, expõe que a cidade expandiu-se sobre dessecação das lagoas, o aterramento dos brejos, a abertura de valas de drenagem e o desmonte de abas dos morros. A cidade passou a ter obras de infraestrutura a partir da vinda da Coroa Portuguesa em 1808 com projetos de drenagem e com a construção do Canal do Mangue. A expansão urbana para bairros como Tijuca e São Cristóvão deu-se também com canalização de rios como Joana, Maracanã e Trapicheiros. As áreas com

plantações foram ao longo das décadas sendo substituídas por casas e atualmente por edifícios.

No século XX a expansão da cidade intensificou-se para a Zona Oeste. Dessa forma, o então Departamento Nacional de Obras de Saneamento, criado na década de 1940, realizou projetos nas baixadas da Baía de Sepetiba, canalizando rios e em Jacarepaguá nas lagoas da Tijuca, Marapendi e Camorim.

A ocupação irregular de encostas e em margens de cursos d'água tornou-se destino preferido de uma parte da população afastada da região central por políticas públicas e pelo alto valor agregado das habitações. Contudo, não somente os mais pobres ocuparam encostas, mas também as classes sociais com alto poder aquisitivo que tampouco respeitam as leis e arriscam as próprias vidas, como afirma o documento da Rio Águas (2015):

Além das profundas mudanças nos regimes fluviais, a intensa expansão urbana ocorrida nos últimos trinta anos, sem controle e sem a devida modernização da infraestrutura, particularmente das redes de esgotos está provocando a destruição dos ecossistemas e colocando em risco as populações que residem nessas áreas (Rio Águas, 2015, p. 15).

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS EVENTOS DE PRECIPITAÇÃO

A partir da pesquisa bibliográfica realizada no presente trabalho, constatou-se que os primeiros desastres registrados datam de meados do século XVIII. Durante dias choveu interruptamente e houveram desabamentos de casarões e alagamentos em toda a cidade do Rio de Janeiro. Contudo, percebe-se que com o passar dos séculos, até os dias atuais, muitos destes relatos de destruição, mortes e desabrigados e/ou desalojados se repetem. A elaboração das linhas do tempo mostra que os eventos ocorrem, em sua maioria, nos meses de verão (Figuras 7 e 8).

Ressalta-se que durante esse período houveram inúmeras intervenções das esferas municipal, estadual e federal, no intuito de planejar, estudar e mitigar os problemas oriundos dos acumulados de precipitação na cidade do Rio de Janeiro frente aos eventos supracitados, como a Reforma de Pereira Passos (1902 – 1906); criação de órgãos públicos, como a Fundação Instituto de Geotécnica (Geo – Rio), criada após as chuvas de 1966; a Defesa Civil da cidade do Rio de Janeiro, criada em 1978, o Sistema Alerta Rio, sistema de alerta de chuvas intensas e deslizamentos, instituído no pós desastre de 1996 e o Centro de Operações Rio (CORio), criado em 2010.

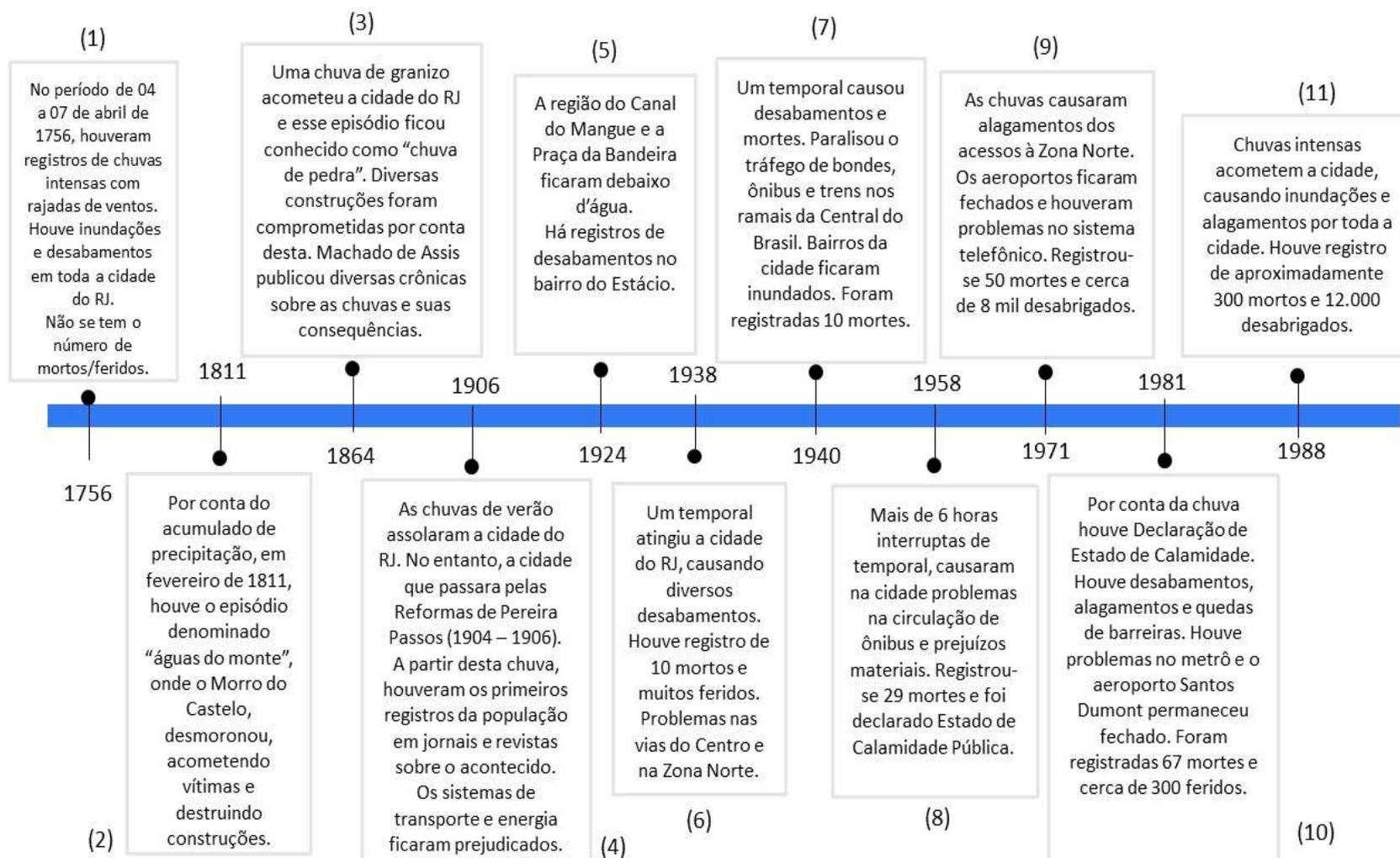


Figura 7 – Linhas do tempo elaboradas a partir de registros sobre os desastres ocorridos entre os séculos XVIII e XXI.

Fonte: Acervo O Globo, 2018.

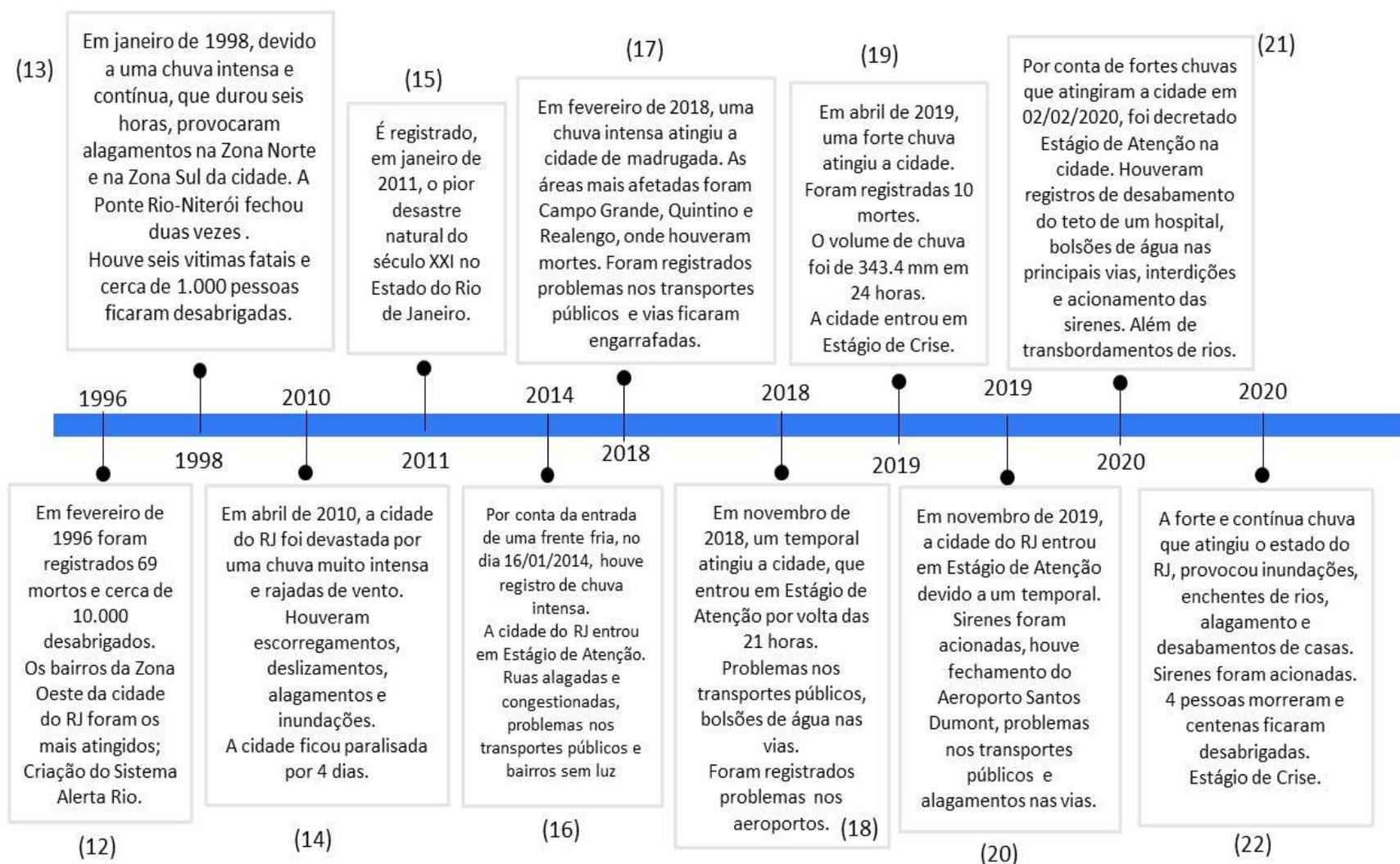


Figura 8 – Linhas do tempo elaboradas a partir de registros sobre os desastres ocorridos entre os séculos XVIII e XXI.

Fonte: Acervo O Globo, 2018.

CONCLUSÃO

É interessante ressaltar a função social da literatura, denunciando as mazelas da sociedade, e isso Lima Barreto fez perfeitamente em diversas obras, como por meio da crônica – “As Enchentes”, que ora utilizamos. Por meio dessa obra, foi possível realizar uma análise interdisciplinar, reconhecendo a contribuição da literatura para aspectos de investigação da ciência geográfica. O problema das enchentes retratado por Barreto nos indica caminhos tortuosos que a cidade do Rio de Janeiro estava seguindo, e isso fica latente ao analisarmos a linha do tempo histórica, com a constatação de que muito pouco mudou do início do século XVIII aos dias atuais, afinal, as enchentes continuam.

Nesse sentido, embasados por notícias de desastres como um todo que atingiram a cidade do Rio de Janeiro e veiculadas pela mídia em geral, foi possível estabelecermos uma conexão de fatos e ideias – falta planejamento urbano, e isso é indiscutível. Pela análise da linha do tempo, como dos locais mais afetados historicamente pelas chuvas, percebemos o quanto o subúrbio carioca sofre com maior intensidade ao descaso das autoridades, e as paisagens de destruição se repetem com sendo algo normal, como se o Rio de Janeiro não tivesse um clima tropical e, portanto, as chuvas fortes de verão fossem eventos isolados e pouco comuns.

A cidade do Rio, aliás, possui um longo histórico de eventos extremos de precipitação, intensas ventanias e períodos de seca. Os fenômenos naturais continuarão a ocorrer independente da vontade do ser humano. Dessa maneira, a resolução, ou melhor, a prevenção das consequências de desastres naturais necessita perpassar por toda população, não somente ao poder público na criação de estratégias de enfrentamento, como também a atuação da própria população na percepção de seu espaço, evitando o desperdício, o despejo de lixo em vias públicas e cursos d'água e compreendendo os reflexos de suas ações individuais para toda sociedade.

Apesar de todos os esforços tecnológicos para a previsão de eventos extremos e a construção de instalações, com o intuito de mitigar os efeitos destes eventos na cidade, como o Centro de Operações Rio (CORio) ou a construção de piscinões nas principais bacias hidrográficas, se não houver uma intervenção séria no planejamento urbano, a cidade do Rio de Janeiro ainda sofrerá com prejuízos econômicos, sociais e ambientais provocados por acumulados de precipitação.

A repetição de locais atingidos demonstrados pela espacialização dos pontos reflete que o planejamento urbano, necessita não somente ser reestruturado, sendo

também priorizado como uma política pública de Estado e não de governo X ou Y. Como se desenvolverá uma cidade, como a do Rio de Janeiro, em que ano após ano sua população majoritariamente de suburbanos necessita se reconstruir em decorrência das consequências das enchentes? Será que continuaremos vendo paisagens de destruição, acreditando serem normais?

REFERÊNCIAS

Acervo O Globo, **Jornal O Globo**. 04 de julho de 2016. Grupo Globo. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/temporais-que-deixaram-milhares-de-mortos-desabrigados-no-rio-de-janeiro-19640312> Acesso em: 25 de maio de 2019

AMARAL, R.; TOMINAGA, L. K; SANTORO, J. **Desastres naturais**: conhecer para prevenir. Instituto Geológico. São Paulo, 2009.

AZEVEDO, A.L. Temporais castigam o Rio pelo menos uma vez por ano desde o século XIX. **Jornal O Globo**, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/temporais-castigam-o-rio-pelo-menos-uma-vez-por-ano-desde--seculo-xix-21505382> Acesso em 25 de março de 2020.

BARCELLOS, F. R. **Espaço, lugar e literatura**: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, jan./jun. de 2009.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Toda crônica**: Lima Barreto. Beatriz Rezende e Rachel Valença (orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: Um Haussmann Tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.

BERQUE, Augustin. "Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural". In: CORRÊA, Lobato Roberto; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998, p. 84-91.

CÂNDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 20-105.

CARNEIRO, S. Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas. In: CARNEIRO, S. (org.); SANT'ANNA, M. J. (org.). **Cidade**: olhares e trajetórias. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 480p. 193-218.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Editora Global, 1997

Correio da Manhã. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/> Acesso em: 27 fev. 2020

DEFESA CIVIL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/defesacivil> Acesso em: 22. fev. 2020.

D'ORSI, R. N.; PAES, N. M.; MAGALHÃES, M.A.; COELHO, R. S. **Relatório Anual de chuvas 2010**. Relatório GEO-RIO/DEP/GPE - N.º 01/2012. Rio de Janeiro, 2012.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A interdisciplinaridade e as fronteiras do pensamento geográfico. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de. Orgs.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUEFCG, 2014.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio - Rio de Janeiro 1858/1945**. Rio de Janeiro. Editora Apicuri / Faperj 2011.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DAS ÁGUAS. Secretaria municipal de saneamento e recursos hídricos. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. **Plano municipal de saneamento básico da cidade do Rio de Janeiro: Drenagem e manejo de águas pluviais urbanas**. Rio de Janeiro, 2015.

HARVEY, David. **O direito à Cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, n.29, jul-dez. 2012, São Paulo. p. 73-89. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2020.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na Primeira República**. Goiânia: UFG; São Paulo: EDUSP, 2002.

Memória O Globo. **Grupo Globo**. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/jornalismo/premios-jornalisticos/o-rio-em-colapso-9886820> Acesso em: 10 mar. 2020

MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MOREIRA, Ruy. Ontologia. In: **Pensar e ser em Geografia 2ª** reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010. p. 131-182.

PONTUSCHKA, NidiaNacib; PAGANELLI, TomokoIyda; CACETE, NúriaAnglei. Textos escritos. In: _____. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 217- 258.

REVISTA VEJA, 14 de abril de 2010. **Grupo Abril**. Disponível: <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/imagens-da-semana-rio-de-janeiro/> Acesso: 05 jan. 2020

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SAUER, Carl O. “**Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural**”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Geografia Cultural, um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERj, 2000.

SISTEMA ALERTA RIO. **Fundação Instituto de Geotécnica (Geo-Rio)**. Disponível em: <http://alertario.rio.rj.gov.br/maiores-chuvas/> Acesso: 10 jan. 2020

SOARES, Maria Therezinha Segadas. **Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, julho-setembro de 1965. p.329-388. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201965%20v27_n3.pdf Acesso em 02 de março de 2020.

SOARES, Maria Therezinha Segadas; BERNARDES, Lysia M.C. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultural Turismo e Transporte, 1990. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101388/rio_de_janeiro_cidade_e_regiao.pdf Acesso em 03 de março de 2020.

Jornal do Brasil. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&Pesq=>. Acesso em: 10 mar. 2020

G1.com. **Grupo Globo**. 09/04/2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/09/moradores-de-comunidades-na-zona-oeste-do-rio-ficam-ilhadas-apos-temporal-video.ghtml> Acesso em: 07 mar. 2020

O Globo. **Grupo Globo**. 09/04/2019. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/sobe-para-sete-numero-de-mortos-no-temporal-de-ontem-no-rio-chuva-volta-castigar-cidade-23583990> Acesso em: 07 mar. 2020

G1.com. **Grupo Globo**. 02/03/2020. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/02/rj-tem-diversos-pontos-de-alagamento-apos-temporal-que-deixou-4-mortos-e-rastro-de-destruicao.ghtml> Acesso em: 08 mar. 2020.

ROSMAN, P. C. C.; AZEVEDO, J.P. S.; NOBRE, C.; LUIGI, G.; D'ORSI, R.; SOARES, M. L. G. **Relatório Região Metropolitana do Rio de Janeiro: vulnerabilidades e mudanças climáticas**. Escola Politécnica - UFRJ, 2012.

ANEXO – CRÔNICA

Lima Barreto

As Enchentes

“As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social”.

Vida urbana, 19-01-1915

Fonte: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Toda crônica:** Lima Barreto. Beatriz Rezende e Rachel Valença (orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 98.